

IMODÉSTIA
CAPRICHOS
INCLINAÇÕES

RONALD FIRBANK

Tradução
Fal Azevedo

Com textos de
Edmund Wilson e W. H. Auden

Posfácio
Bruno Gambarotto

CARAMBAIA

NOVELAS		
	IMODÉSTIA	009
	CAPRICHOS	227
	INCLINAÇÕES	333
	Índice remissivo	475
TEXTOS COMPLEMENTARES		
	Firbank revisitado por W. H. Auden	489
	Uma nova apresentação de Firbank por Edmund Wilson	493
	Anjos sobre as nuvens da guerra por Bruno Gambarotto	511

IMODÉSTIA

“E, ENTÃO... AH SIM! ATALANTA ESTÁ FICANDO MUITO EM EVIDÊNCIA.” Ela falou sem tom de queixa, afundando-se ainda mais na poltrona. Assim pontuava uma avaliação relativamente alegre.

Como era difícil carregar uma cruz numa tarde tão apática! Que prazer deitá-la um pouco – apoiá-la, por um instante que fosse, contra outra pessoa... Sua interlocutora balançou o lenço com expressividade. Ela sentiu naquele instante que era mais seguro não falar. Com muito jeito, levantou-se.

Sobre uma lona escura agrupavam-se algumas delicadas miniaturas persas.

Curvou-se em sua direção:

“Oh, que preciosidades!”

Mas *lady* Georgia não a deixava ir embora.

“O papel de uma mãe”, disse, “tende a tornar-se um fardo”.

A sra. Henedge virou-se em sua direção:

“Ora, o que se pode fazer, querida?”, perguntou e, com um suspiro, desviou o olhar triste para o espaço da praça, aberto a comparações.

Lady Georgia Blueharnis era a proprietária daquela casa nas imediações da Hill Street em cujas curvilíneas sacadas de ferro teria parecido apropriado para senhoras em sóbrias sedas reclinarem-se melodiosamente a certas horas do dia. Nos idos greco-walpolianos, a casa servira de cenário a uma embaixada; desde então, renascera inesperadamente como fundo aprazível e adequado para abrigar a mais frugal domesticidade – ou até mais.

Não que se pudesse considerar *lady* Georgia uma figura doméstica... Seus interesses na vida eram demasiadamente

dispersos. Conhecida como a Isabella d'Este de seus dias, suas investigações no campo da arte a levaram, sobretudo, para longe do seio da família.

“É melhor”, disse a sra. Henedge, ao admirar a espessa folhagem na praça, suspirando mais uma ou duas vezes, “é melhor estar em evidência do que parecer apenas um saco de ossos. E, graças a Deus, Atalanta não é excêntrica! Pense no pobre sr. Rienzi-Smith, que vive sob o constante terror de que um dia sua esposa faça alguma coisa de fato estranha — talvez correr por Piccadilly sem chapéu... Na vida, querida, é melhor olhar para o que está imediatamente à frente. Não mire tão longe!”

“Eu estava apenas pensando na segunda-feira.”

“Haverá onze madrinhas além de At’y!”

“Ainda não sei o que devo vestir”, confessou *lady* Georgia.

“Mas será algo muito simples.”

“Ele tem 23 anos... e sobranceiras adoráveis”, comentou a sra. Henedge, começando a ronronar.

“Você sabe onde passarão a lua de mel?”

“Creio que começarão por Bruxelas...”

“É difícil imaginar”, observou *lady* Georgia, “que alguém viaje deliberadamente a Bruxelas”.

“Suponho que pareça excêntrico”, murmurou a sra. Henedge, olhando misteriosamente ao redor.

A sala onde se encontrava era, digamos, *difícil*. O madeiramento, obra de Pajou, fora pintado num cinza sem vida ou esplendor, enquanto as cortinas e o estofamento das cadeiras eram de uma seda suave, amarelo-canário, com listras azuis. Aqui e ali se distribuía arranjos de azaleia rosa e es-carlate em vasos de madeira — uma magnífica audácia. Sobre a lareira, pendia um encantador retrato de *lady* Georgia, feito por Renoir. Ninguém jamais aquecia ali as mãos ou postava-se diante do verão selvagem de suas flores sem se maravilhar

— “Estupendo!”. No retrato, a anfitriã caminha lentamente por uma paisagem econômica, composta de uma só árvore esguia, sustentando sobre a cabeça, com leveza, galhos firmes cuja folhagem sucinta a protegia do sol. No lado oposto da sala via-se um segundo retrato dela com o marido e os filhos — uma adorável *Sagrada família* à moda veneziana e, entre os dois, ocupando as paredes da sala em diferentes alturas, em explosões de rosa e azul-celeste, acompanhava-se uma suntuosa *Via Crucis* de Tiepolo. No teto, caso houvesse quem se interessasse em olhar tão alto, divisavam-se alguns dos últimos vestígios da embaixada — aljavas, archotes, rosas e toda a parafernália de Eros... Mas os olhos, viajando por todos esses obstáculos, invariavelmente retornavam ao retrato veneziano, chamado por todos, via de regra com ofegante admiração, de *Madonna no Osprey*.

Comparando-a com sua anfitriã, a sra. Henedge era incapaz de identificar a menor semelhança entre pintura e modelo. Ela ainda esperava encontrá-la... Exceto, considerou, pelo querido *sir* Victor Blueharnis, um belo e intrépido São José de olhos azuis levemente injetados, as graciosas crianças e o adorável pequinês, o quadro era, decididamente, um *Madeleine lisant*. Impressionante, visto que absolutamente inquestionável, era como aquele não era um retrato satisfatório da própria *lady* Georgia. Mas, com o perdão da pergunta, como poderia ser? Como seria possível para um pintor fixar sobre a tela alguém tão fugaz? — ele certamente teve de interpretar. Teve de pintar sua alma, tomando cuidado para não deixá-la parecer, como *poderia* ter feito um artista inferior, um pecado capital exageradamente vestido.

O rosto de *lady* Georgia, de fato, era tão sensível quanto um mar calmo para as nuvens que passam. Ela tinha variedade. Frequentemente, conseguia se fazer bonita de verdade e, mesmo em seus momentos de maior simplicidade, sempre

se mostrava interessante. Sua natureza, também, era tão errática quanto seu rosto. À primeira vista, talvez fosse singular demais para transmitir uma impressão definitiva... Naquela tarde, bastou uma única flor cor-de-rosa em seu vestido preto para ganhar um ar, por assim dizer, muito distante.

Para quem ela estava fazendo aquela sondagem, refletiu a sra. Henedge, e para quem At'y ganhava tanta evidência? Seria para o pobre lorde Susan, que, segundo se dizia, andava cansado do mundo aos 23 anos?

Envolvida em tais pensamentos, ela acariciava, com um dedo coberto por uma luva marfim, um pequeno pássaro de bronze com uma asa quebrada.

14 A sra. Henedge, viúva de um homem insensato, o bispo de Ashringford, era considerada, por aqueles que a conheciam, a simpatia em pessoa. O bispo, segundo boatos, apaixonara-se por ela à primeira vista, certa manhã, enquanto oficiava a missa na catedral de um amigo. Ela o fizera lembrar-se de um cervo assustado — embora, como explicou posteriormente, estivesse apenas tomando posse de um hinário. O casamento deles foi considerado um verdadeiro romance. Já perto do fim, contudo, o bispo tornara-se o próprio gigante Fi-feu-fo-fum de *João e o pé de feijão*. Ela passara por maus bocados; ainda assim, era sempre capaz de referir-se ao marido como “*pobre Leslie querido*”, agora que tinha morrido. Hoje, talvez, fosse possível dizer que ela abandonara nosso século, pois nem sequer sabia em qual estava. Enrolada no que parecia ser um pedaço de tapeçaria de Beauvais, sua figura sugeria o rouco sacolejar de carruagens, um saque a Troia. Como *lady* Geórgia observara com bastante argúcia, ela era uma horda às portas de... Roma.

Mas os pensamentos puseram-se em fuga quando alguns dos anjos da conhecida *Madonna* e vários pequineses entraram atabalhoadamente na sala.

“Ela fugiu na Berkeley Square.”

“Estava tomando sorvete.”

“Estava usando duas penas verdes imensas na cabeça.”

“O policial foi embora com a sombrinha dela.”

“Ela estava vindo nos ver.”

As crianças estavam muito excitadas. “Silêncio, queridos!”, exclamou *lady* Geórgia. “E quando estiverem mais calmos, expliquem quem fugiu na Berkeley Square.”

“A vovó fugiu!”

“Quem diria”, disse *Fräulein* entrando em seguida, “que uma carruagem de um só cavalo pudesse fazer *tanto mal!*”.

Eles voltavam do imenso coração de Bloomsbury, aonde as crianças eram frequentemente levadas para aprender postura e bons modos a partir das tânagras do British Museum. Depois de posarem à maneira e ao estilo dos coríntios ou praticarem mergulho sentados em banquinhos como faziam os atenienses, retornavam para casa quase sempre ensandecidos.

15 “Hoje estão incontroláveis!” murmurou *Fräulein*, tentando rapidamente contê-los e levá-los embora. Mas a sra. Henedge, segurando uma criança, já começava a discorrer.

“O aspecto dela”, observou a mulher, “continua belo como sempre; mas ela *começa a parecer mais velha!*”.

Embora estrangeira, *Fräulein* era capaz de saborear plenamente o comentário. Era recente sua chegada, em substituição a *mademoiselle* Saligny, dispensada por batizar uma boneca de Maria Antonieta. Infelizmente, como *lady* Geórgia descobrira desde então, seu ceticismo teutônico praticamente desconhecia variação, aplicando-se da mesma forma ao Todo-Poderoso ou a um balde de água quente; mas isso era, segundo pensava, mais perdoável que batizar uma boneca de Maria Antonieta. Quão notáveis ou inofensivas eram suas dúvidas!

“Isso, sim, é uma fuga!”, murmurou *lady* Geórgia, assim que saíram; “a tirania de minha sogra está cada vez mais

difícil e, nesse calor, com certeza fica completamente fora de controle”.

Ela estendeu a mão com indiferença para uma colossal rosa vermelha. Tantos talismãs para felicidade agrilhoavam-lhe os braços! Mal os conseguia mover sem que o tilintar de bolas de cristal ou a influência de algum porco de malaquita a lembrassem de sua infelicidade. “Não posso suportar que James organize as flores: ele as *enfia* nos vasos”, disse. Agarrou e soltou algumas, murmurando: “E, quando Charles faz os arranjos, elas invariavelmente caem para todos os lados! Veja tudo o que eu fiz; nosso arrendamento não vence antes do ano 2001. Então, vale a pena fazer algumas pequenas melhorias!”.

Mas a sra. Henedge parecia pouco inclinada a se comover. Sentada em um sofá totalmente sem molas, que provavelmente um dia tinha sido o esquife de Julieta Capuleto, ela parecia ter alguma coisa a confidenciar. Algo a incomodava para além de “*a pobre Guarda, debaixo desse sol todo!*”.

“Minha querida Georgia”, disse ela, “agora que você me contou suas novidades, quero lhe contar a descoberta mais surpreendente”.

Lady Georgia arregalou os olhos. “É alguma coisa nova sobre a sra. Hanover?”, arriscou.

A sra. Henedge a encarou.

“Isso ainda é um segredo”, disse, “e embora, em muitos aspectos, eu tivesse adorado contar a Ada, é muito provável que ela contaria imediatamente a Robert, e ele, em confiança, é claro, contaria a Jack, e Jack contaria a *todo mundo*, e então...”.

“Melhor não contar para Ada!”

A sra. Henedge suspirou.

“Você se lembra do professor Inglepin?”, perguntou. “Sua mãe era Chancellor de nascimento... Fanny, o nome dela.

Bem, ultimamente, durante sua estada no Egito, o professor (ele me aterroriza! É tão magro, tão feroz!) encontrou um fragmento original de Safo e, por isso, com a ajuda dele, darei uma pequena festa em minha casa, no domingo, para tornar o verso público.”

Lady Georgia animou-se imediatamente. A Isabella d’Este despertava em seu interior.

“Minha querida, que coisa adorável!”, exclamou.

“Pessoas excepcionais comparecerão”, sugeriu nervosa a sra. Henedge.

“Oh, sim?”

“A sra. Asp, a srta. Compostella, os Calvallys!”

“Será delicioso!”

“Bem, querida, creio que você não me culpará, caso se sinta entediada?”

Lady Georgia fechou os olhos.

“Safo!”, exclamou. “Estou pensando no que vou vestir. O instinto, creio eu, me diria para usar uma crinolina, com um xale de caxemira amarelo e uma touca turquesa.”

A sra. Henedge assustou-se. “Espero que sejamos tão *Ingres* quanto possível”, disse ela, “já que não há tempo para sermos gregos. E, agora que lhe contei, devo voar! Não, querida, não posso nem mesmo ficar para ver as melhorias; já que a casa será sua por tanto tempo, poderei vê-las talvez outra hora. Esta noite, irei com os Fitzlittles aos bailarinos russos”. E completou, melodiosamente, da escada: “Amo tanto Nijinsky em *Le spectre de la rose!*”.

CAPRICHIO

Para Stephen Hammerton

"Τίς δ' ἀγροῖωτίς τοι θέλγει νόον,
οὐκ ἐπισταμένα τὰ βράκ' ἔλκην ἐπί τῶν σφύρων"¹
— *Safo de Lesbos*

¹ "Quem é a rústica que te enfeitizou... Essa mulher que nem sequer sabe erguer a saia sobre os tornozelos?"

O CLANGOR DOS SINOS CRESCIA INSISTENTEMENTE. Um contentamento incontrolável martelava na igreja de Santa Maria, em evidente contraste com o carrilhão moderado de São Marcos. Por todos os lados, poucos em uníssono, ressoavam os sinos. Os de Santa Isabel e de São Sebastião, na Flower Street, pareciam travar escandalosa disputa, enquanto o de Sant’Ana “no alto do morro”, todo oco, rachado, típtico, mal-humorado, não fazia nada além de reclamar. Nisto, era similar ao de São Nicássio, meio paralisado e impotente, em abalada debilidade. E então, triunfante, num furacão de som, o de Santa Irene abafava-os sem exceção.

Era de novo domingo.

Sempre ao alto, e subindo cada vez mais, os caminhos tortuosos da cidade em que os habitantes locais, aqui, ali e preguiçosamente, labutavam.

231

De vez em quando, um peregrino talvez fizesse uma pausa no caminho estreito entre o deado e o resto.

Abrindo um leque preto de laca e deixando bem abertas as janelas do quarto, a srta. Sarah Siquier espiava o mundo.

A ruela, com frequência, mostrava-se interessante à tarde.

Do lado oposto, a catedral erguia-se, mágica, contra o céu que anoitecia.

A srta. Siquier ergueu os olhos aos pináculos gêmeos acinzentados, levantou os braços e bocejou.

De um dos pináculos, um demônio de membros entrelaçados em torno de uma relutante presa coroada fazia careta.

Pois eu anseio por aqueles beijos que você me deu um dia
Nos degraus de Bakerloo!

A srta. Siquier cantarolou despreocupadamente, esticando o pescoço ainda mais para fora da janela.

Debaixo dos pequenos e velhos limoeiros perto da entrada da catedral, o lacaio católico de *lady* Caroline Dempsey passava o tempo.

A srta. Siquier avaliou-o.

Em sua imaginação, previu a impressão que sua própria conversação causaria no ambiente paroquial.

“Filha única do cônego Siquier visita Roma...” Ou: “Filha do cônego Siquier toma o véu”. Ou: “Depois de inominável perseguição de sua família, a srta. Siquier é recebida no Convento do Espírito Santo”.

Divertindo-se com o lacaio católico de *lady* Caroline Dempsey, seus olhos vagavam de sua cabeça empoadada aos galões lamentáveis de seus ombros. A falta de movimento era opressiva.

Por que a srta. Worrall não estava às voltas com o seu costumeiro desmaio, sendo amparada sem sentidos nos braços do sacristão rumo a seu portão? Por que esta noite eles não cantavam os Salmos?

Passando a língua nos lábios, a srta. Siquier afastou a cabeça da janela e voltou ao livro.

“Puf!”

Ela abanou o leque.

A sala logo estaria escura.

Até as pedras das paredes cinzentas, bíblicas, fúnebres, pareceram discordar.

“Em todos estes frutíferos anos”, leu ela, “ele foi lembrado por ter rido uma única vez: quando uma enorme ratazana correu para dentro e para fora de algumas estátuas... *Ele* era o Hamlet Ideal. De semblante rabugento e cínico por natureza, suas explosões por vezes paralisavam a companhia inteira”.

A srta. Siquier passou a ponta dos dedos levemente pelo cabelo.

“Mas isso não faz diferença”, murmurou ela, virando-se para um copo. Fingir-se de Ofélia — não importava como!

Ela puxou sobre si um xale de renda Manila.

Sempre que se embrulhava nele, era como se estivesse na Andaluzia.

“Doña Rosarda!”

“Fernán Pérez? Que queres?”

“Rosarda, meu amor, preciso de ti.”

“Sou a esposa de Don José Cuchillo — o Mouro.”

“Doña Rosarda Castilda Cuchillo, eu te amo.”

“Basta! Meu marido logo retorna.”

Deitada languidamente diante de um espelho de parede, a srta. Siquier estava encantada.

Uma hora se passou.

O cômodo estava quase escuro.

Don José queria sua vingança.

“Rosarda.”

“Fernando?”

“Ah-h!”

A srta. Siquier levantou-se.

Ela precisava preparar-se para o jantar — limpar-se do sangue.

Pobre Fernán!

Ela lançou um olhar sobre si, um retrato espanhol barato.

De um varal, algo pendurado parecia implorar-lhe.

“Ver a mim? Ora, abençoado seja. Venha!”

Com um gesto impetuoso e delicado, ela entregou-se a um sofá.

“Se eu gosto da América?”

“Eu a adoro... Você verá... Eu me apaixonei aqui! Diga-lhes que... oh! especialmente pelos homens... Em que vizinhança

eu nasci? Em Westmorland; sim. *Na Inglaterra, senhor!* Invasivo? Ora, de maneira alguma. Eu nasci na modorrenta e pacífica cidade de Applethorp (três pês), no fundo do coração — na verdade, bem no meio”, murmurou a srta. Siquier, enfiando algumas flores silvestres debaixo do queixo, “ali no períbolo da *igreja*”.

||

“Sally”, disse seu pai, “não consegui descobrir onde você estava sentada nas Vésperas esta noite”.

Na sala de visitas ao estilo do velho mundo da decania, haviam sido trazidos café e licores — uma indulgência em nome do domingo.

A srta. Siquier pousou a xícara.

Atrás dela, através das janelas abertas, uma confusão de folhas leves e trepadeiras balançava, inquietamente, num vaivém.

“Imagino que a *Fonte* tenha me escondido”, respondeu ela com uma ligeira risada.

O cônego Siquier observava, com ar ausente, uma lua que parecia abundante e, então, virou-se para a esposa.

“A-manhã, Mary”, disse ele, “teremos a pobre sra. Cushman novamente”.

Em sua escrivania cilíndrica, entre duas velas tremulantes, a sra. Siquier, enquanto o café esfriava, abria o coração para uma amiga.

“Por favor, Mike, fique imóvel”, implorou ela.

“Imóvel?”

“Não se inquiete. Não fale.”

“Nem ouse respirar”, acrescentou a filha, pegando um jornal de domingo e aproximando-se da luz.

“No Olive Theatre”, leu ela, “a sra. Starcross produzirá no próximo outono uma nova comédia que promete ser de grande interesse”.

Seus olhos acenderam-se.

“Meu Deus!”

“No *Kehama*, Yvonde Yalta poderá ser vista brevemente em

uma peça japonesa, com mandarins, gueixas e velhos samurais cantores...”

“Meu Deus!”

“Há relatos de que o sr. e a sra. Mary estão contemplando a administração novamente.”

“Céus!”

“Para a nova montagem de *She Stoops to...*”

Com volume crescente, através do peribólo coberto de névoa, irrompeu uma voz lamuriosa e embriagada.

“Você pode fechar a janela, Sarah”, determinou o cônego Siquier.

“É a srta. Biggs!”

“Quem poderia tê-la ensinado? Como?”, perguntou-se o cônego.

A sra. Siquier abaixou a caneta.

“Eu tenho pavor do jantar íntimo dela!”, disse ela.

“Ele deveria ser íntimo?”

“Ela não é, sempre? ‘Dê a volta e me veja logo, srta. Sarah, e *aí está*, minha querida, sejamos íntimas!’”

“Realmente, Sally!”

“Sally pode imitar qualquer um.”

“Minha querida, é vulgar macaquear os outros.”

“Vulgar?”

“Não é bonito.”

“Muitas pessoas fazem.”

“Apenas saltimbancos.”

“Eu concordaria em ser uma, se pudesse atuar.”

O cônego Siquier fechou os olhos.

“Recite, querida, algo; preciso de alívio”, disse ele.

“Claro, se o senhor deseja.”

“Alivie-me, Sally!”

“Algo para fazê-lo esquecer-se do sermão?”

A srta. Siquier baixou os olhos para seus pés. Ela calçava

sapatilhas pretas, inteiramente decoradas com pérolas e borboletas filigranadas que tremulavam sobre os dedos.

Desde o primeiro momento em que a vi, Adèle,
ao dançar a celinda,
permaneci fiel à sua lembrança;
minha liberdade me deixou,
eu não mais me importo com as outras negras,
nada restou em meu coração para elas; —
você tem tanta graça e beleza; —
você é como a serpente do Congo.

A srta. Siquier fez uma pausa.

“Você precisa dos movimentos adequados...”, explicou ela.

“Alguém precisa *realmente* chacoalhar as canelas de alguém!”

“Sendo um dia de descanso, minha querida, vamos dis-
pensar essa movimentação.”

Eu a amo tanto, minha linda...
não consigo evitar.
Meu coração tornou-se apenas um gafanhoto,
ele nada faz, só lhe resta pular.
Eu nunca conheci uma mulher
com formas tão belas quanto as suas.
Seus olhos são labaredas;
seu corpo me mantém cativo.

Ah, você é como a cascavel
que sabe como encantar o pequeno pássaro,
e que tem a boca sempre pronta para dele
servir de túmulo.

Eu nunca soube de qualquer negra
que andasse com tanta graça quanto você,

ou tão belos gestos fizesse;
seu corpo é uma linda boneca.

Quando não posso vê-la, Adèle,
sinto-me próximo da morte;
minha vida se torna como uma vela
cuja chama se aproxima da extinção.
Eu não posso, então, encontrar qualquer coisa no mundo
capaz de me dar prazer:
eu poderia muito bem ir até o rio
e me jogar na águas para cessar meu sofrimento.

Diga-me se você tem um homem,
e eu vou fazer um feitiço *ouanga* para ele;
e transformá-lo num morto-vivo,
se você escolher a mim como seu marido.
Não vou vê-la quando estiver zangada:
outras mulheres são mero lixo para mim;
eu vou fazer você muito feliz
e vou dar-lhe um belo lenço de Madras.

“Obrigado, obrigado, Sally.”

“É de *Ozias Midwinter*.”

A sra. Siquier encolheu-se.

“Essa desordem escandalosa que engana nossos missionários!”, disse ela.

“Em Oshkosh...”

“Não, Mike. Tenho certeza de que ninguém botaria fé nos horrores que se passam em alguns lugares.”

A srta. Siquier acariciou levemente a maçã do rosto do cônego.

“Aliviado?”, perguntou ela.

“... Razoavelmente.”

“Quando penso naquelas pessoas de cor”, continuou a sra. Siquier, “na festa do palácio no ano passado! Vagando a noite toda pelo peribolo... E, quando eu fui olhar no dia seguinte, havia um velho mulato parado, segurando o filho do padeiro na ruela”.

“Aí mesmo, Mary!”

“Cansado, querido?”

“Domingos nunca são fáceis.”

“Para você, infelizmente, é obrigatório que sejam.”

“Houve as aulas de catecismo hoje.”

“Em breve Sally vai aprender a ajudar você.”

A srta. Siquier arregalou os olhos.

“Eu?”, surpreendeu-se ela.

“No próximo domingo; é quando você deveria começar.”

“Entre agora e isso”, refletiu logo em seguida a srta. Siquier em seu caminho escada acima, “eu deverei quase com certeza estar na cidade”.

“Oh, Londres – Cidade do Amor!”, trinou ela suavemente enquanto trancava a porta.

INCLINAÇÕES

“Além do mais, nunca me arrisquei a levar você comigo a qualquer reunião que eu tivesse com o papa, por medo de que você tentasse usar de sua coqueteria com ele.”

— *Lady Kitty Crockodile* para a srta. Lydell.

“CABELOS QUASE PRATEADOS – INCRIVELMENTE LOIRA: UMA PALIDEZ ASSUSTADORA.” Feita essa ressalva, havia, inegavelmente, uma grande semelhança.

É verdade, sempre que começava um novo trabalho ela dizia a mesma coisa.

Houve os períodos Ducquelin, Pizzi, o da rainha Quickly... e aquela curiosa noite de outono quando ela havia experimentado o impulso de um velho e malvado César...

“E aqui estou eu, enferrujando em Yorkshire!”, exclamou.

À luz do crepúsculo, seu rosto parecia vago e indistinto: um brinco reluzia.

“Adoro sua paciência!”

“Ela parece ter tido onze filhos.”

“Quem, querida?”

“A sra. Kettler. Catherine. Kitty.”

“Para mim, é um mistério que você não se canse de ficar nisso sem parar.”

“Minha querida, você está sempre elucubrando.”

“Mas agora que Effie começou com suas terças-feiras...”

“Normalmente só fico mal-humorada quando soa a campainha para o jantar.”

Viola Neffal moveu os lábios como se estivesse contando.

“Bem, aquela tapeçaria Mortlake”, ela disse, “perfurada por pregos e pendurada abaixo de espelhos é suficiente para fazer uma pessoa chorar!”.

A biógrafa cruzou nervosamente suas mãos longas e expressivas.

“Às vezes penso”, arriscou ela, “que coisas modernas, quando bem escolhidas, acentuam o passado”.

Através das janelas abertas, uma fileira de árvores, todas inclinadas na mesma direção, recuava pelo jardim como vultos fugindo de um baile.

“Quem era aquela mulher, querida, que pôs a cabeça do amante num vaso de manjerição?”

“Você está se referindo a Isabel. Mas nada jamais irá me dissuadir! Além do mais, depois da princesa Orvi, preciso de uma mudança. Duas mulheres italianas...”

A srta. Neffal aspergiu-se generosamente com *Lethe Incarnata*.

“... À sua sorte!”, desejou ela.

“De algum modo sinto que pode ser um fracasso. Vi a lua nova com meu olho esquerdo.”

“Você nunca me contou exatamente o que há de admirável na sra. Kettler. Por que ela a atrai.”

“É difícil explicar... como um homem de rara influência uma vez observou, ela era como uma camponesa radiante.”

“E camponesas são normalmente tão radiantes?”

“Ela era. E além do mais era muito inglesa! Desde suas primeiras palavras: ‘Seria minha glória’, disse ela, ‘passar um verão numa cabana em algum buraco de Old Sarum’. Ela mal tinha completado 2 anos.”

“Ela parece ter sido uma cigana.”

“Muito pouco se sabe sobre ela, afinal! Não há muito material disponível. Como se sua vida tivesse sido feita de sombras bruxuleantes... você só a vê por instantes luminosos. Diz-se que em seu auge ela ficou cansada do mundo e foi para o Ceilão.”

“Ceilão?”

“Bem, se não foi para o Ceilão... com tantas mudanças, é normal se confundir. Suspeito que possa ter sido a Grécia. Tenho um palpite de que foi Atenas!”

“De qualquer forma, foi algo insular.”

“Uma alma tão rara quanto o rádio.”

A srta. Neffal disse o que estava pensando.

“As pessoas que eu mais gostaria de ter conhecido são Walpole e Safo”, disse ela.

“Se você não está satisfeita agora, nunca estará!”

“Isso é inútil.”

“Eu só estava me referindo a Hugh.”

“Hugh! Eu vou me casar com ele, Geraldine, como você sabe, principalmente por ter ouvido isso dele. E é claro que ficarei muito contente em me casar...”

“Minha cara Viola.”

“Quando a pessoa está se aproximando do fim da casa dos 20...”

“Bobagem!”

“Conte-me mais sobre a pequena camponesa.”

“Oh, bem, muito em breve eu espero voltar às minhas viagens. Pretendo fazer uma viagem bem extensa, seguindo os passos *dela*.”

“Você vai partir para a Grécia?”

“Vou aonde quer que ela tenha ido.”

“Talvez você acabe passando por Cannes!”

Geraldine O’Brookomore, a autora de *Seis estranhas irmãs, Aquelles Gonzagas* etc., destrancou um sombrio estojo de laca — uma obra de arte, à sua maneira, com seus muitos rótulos, todos pintados em pérola tingida.

“Reminiscências. Anedotas. Apologias. Crimes. Loucuras. Invenções. Nostalgia. Misticismo. Miscelâneas. Documentos Humanos. Cartas de Amor. Dele para Mim: de Mim para Ele”, leu ela.

“É da Nostalgia que você precisa...”

A srta. O’Brookomore ergueu os olhos.

“Certamente estou disposta a esperar que sim.”

“Não é difícil às vezes ser imparcial?”

“Depende muito da saúde da pessoa. Quando se está um pouco cansada, ou com disposição abaixo da média...”

“Como eu queria que você fosse mais sensata. É mais sábio quando o gongo soa...”

“Eu sei. Mas Effie me estraga... agora mesmo ela me mandou um pêssego com sabor de cravo escuro...”

“Effie exagera em sua hospitalidade, é o que me parece. Deixando *rouge* em todos os quartos da casa. Até no do sr. Fairmile, pobre rapaz!”

“Quem está lá embaixo?”

“Botticellis de perucas douradas... jogando *bridge*. Eles me mandaram vir aqui em cima para procurar por você.”

“Por mim?”

“Para ir observá-los.”

“Não vou. Que bem faria isso, afinal?”

“Então eles vão invadir esta sala, em vez disso. Depois do jantar, Effie tem o hábito de pegar uma vela e arrastar todo mundo para olhar as crianças adormecidas em suas camas.”

“Eis alguém chegando!”

“Se eu ficasse aqui olhando, eu incomodaria, cansaria, preocuparia vocês?”

“É a srta. Collins.”

“Mabel!”

“Tenho esperado vocês por um tempo interminável. Esta é a casa mais tediosa...”

“Pobre gatinha assustada!”

A srta. Collins, que nunca antes havia saído de casa, parecia acreditar que uma *soirée* seria uma sucessão de ditos espirituosos, música e explosões de gargalhadas.

“Deve-se sempre tentar ser feliz!”

“Eu acho que você dirá que é tolice, mas eu quero tanto v-i-v-e-r! Eu quero sair borboleteando pelo mundo, igual a você.”

A srta. O’Brookomore ficou pensativa.

“Meu trabalho”, disse ela, “se passa, em sua maior parte, em meio aos mortos”.

“Isso é inevitável?”

“O pior da biografia moderna, entenda, é que nunca se tem absoluta certeza do que se tem o direito de...”

“Ainda que seja apenas para evitar as consequências penosas”, teorizou a srta. Neffal, “deveríamos passar pelo mundo compacta e organizadamente”.

A srta. Collins deu-lhe as costas, sentindo-se oprimida.

“Effie envia uma nova remessa de frutas. Ela vai subir muito em breve para olhar as crianças.”

“Framboesas!”

“Há framboesas na Caldeia?”

“Você me deixa atônita! Por que pergunta?”

“Para saber. Naturalmente, vivendo o tempo todo no mesmo lugar...”

“Você nunca sai?”

“De casa? Ah, sim... algumas vezes, no inverno, vamos à Escócia.”

“Mas a Escócia no inverno certamente deve ser uma desolação só! Pedra, ardósia e asfalto, e o tipo errado de cabelos ruivos...”

“Veja bem, não podemos nos desfazer de nossa casa.”

“De fato. E por que não?”

“Porque ela fica em um vale. Apesar de que, é óbvio, às vezes vemos efeitos surpreendentes na névoa...”

A srta. Neffal recostou-se na cadeira, com braços letárgicos e dedos entrelaçados.

“Por que atacar a paisagem?”, inquiriu ela.

A srta. Collins estremeceu.

“Todo aquele verde ondulante”, disse ela, “em frente às janelas... bem, o bosque parece assombrado até mesmo sob o sol”.

“Pobre criança!”

“Vocês não têm ideia... eu lhes asseguro que não há uma criatura em toda a região que possa interessar a alguém, exceto, talvez, por madame La Chose, que é uma atriz, apesar de não ter nada a ver com o palco.”

“Como pode alguém ser uma atriz sem ter nada a ver com o palco?”, perguntou a biógrafa, puxando a srta. Collins para perto.

Mas a srta. Collins parecia não saber.

“Eu adoro essa onda em seu pescoço”, disse ela. “Não é um queixo duplo, é só uma... onda!”

“A sra. Kettler tinha uma igual.”

“Você está perpetuamente pensando nos grandes homens?”

“Naturalmente, naqueles em questão.”

“Eles devem frequentemente assombrá-la.”

A srta. O’Brookomore sorriu.

“Ocasionalmente”, disse ela, “eles o fazem. No meu sonho da noite passada, eu parecia ouvir todos aqueles sobre cujas vidas escrevi recentemente gemendo e me implorando para não fazê-lo. Deixe que as edições morram, disse-me uma boa mulher. Deixe que sejam canceladas!”

“Ingratidão!”

“Sonhos, você já deve ter ouvido falar, funcionam ao contrário.”

“Ainda assim, tenho certeza de que você deve precisar de uma mudança.”

“Estou ficando tediosa?”

“Muito pelo contrário.”

“Mais uma vez em um *vação-leito*...”

A srta. Collins caiu de joelhos.

“O que eu não daria”, disse ela, “para ir com você!”

Ligeiramente assustada, a srta. O’Brookomore tirou um cigarro de uma caixa de papelão.

“Supondo...”

“... supondo?”

“Supondo... eu só disse ‘supondo’ — supondo que você me acompanhasse à Grécia...”

A srta. Collins pôs-se de pé, cintilando.

“Só de pensar”, exclamou, “eu poderia pular de alegria”.

A biógrafa observou-a. Escuridão contra a cintilância.

“Minha principal diversão”, explicou ela, “sempre foi trocar ideias com alguém. E receber ideias novas enquanto isso”.

“Em Corinto!...”

“Em Aulis!”

“Em Atenas!”

“Em Epidauro!”

“Em Micenas!”

“Na Arcádia!”

“Seria como um conto de fadas.”

“Desde que você seja bem-humorada e animada!”

“Em casa dizem que eu às vezes sou bem tola.”

A srta. O’Brookomore deixou escapar um suspiro.

“Poucas de nós nascemos maduras”, declarou ela.

A srta. Collins voltou a afundar-se no chão.

“Suponho que devemos abafar todas as nossas emoções”, disse ela, “e esconder as coisas... mas eu nunca o faço. Eu só deixo meu coração falar. E assim...”

“Estou lendo as *Viagens de lady Cray*”, interrompeu a srta. Neffal. “‘Uma vez, no deserto’, diz ela, ‘eu tentei assar uma perdiz amarrada com barbante, mas o fogo queimou o barbante e a perdiz...’.”

“Melhor ser tola em casa que...”

“Aí está a Effie!”

Com um castiçal na mão, e totalmente só, a anfitriã apareceu à porta.

“Eu bati, mas não tive resposta!”

“Nós não a ouvimos.”

“Mulher selvagem e interessante! Você tem feito *muita* coisa?”

“Não muito. O melhor trabalho das pessoas nunca é escrito.”

“O que ela mais precisa”, refletiu a srta. Neffal, “é da ala abandonada de um palácio”.

“Você vem, Viola, olhar as crianças?”

“Será que ousou, eu me pergunto, com estes sapatos...”

“Há algo de errado com eles?”

“Eles podem acordar a pequena Phillis...”

“De qualquer forma, a sra. Orangeman, imagino, fatalmente fará isso.”

“... Você ouve a mente tristonha dela quando ela canta!”

A srta. Collins pareceu sagaz.

“As preocupações dela não são suficientes”, profetizou ela, “para mantê-la em movimento...”.

344 “A menos que você seja mais cuidadosa”, ameaçou a srta. Neffal, “eu vou escrever sobre você no meu *Livro dos gatos*”.

“Você o tem há muito tempo?”

“Desde que fiquei noiva.”

A anfitriã deu uma risadinha abafada.

“Até nós!”, disse ela. “Agora, em dias tediosos, Jack frequentemente gosta de fazer pequenas correções em seu testamento.”

“Isso não a deixa *nervosa*?”

“Por que deixaria?”

“Eu ficaria com medo de ele tirar meu nome.”

“Isso é porque você é excessivamente tensa. Quando as pessoas são pálidas e cansadas como você, elas precisam repousar.”

“Bem, eu já quase encerrei a noite. Talvez eu possa descer assim que o vigário tiver ido embora. Da última vez que nos encontramos, ele se referiu à pobre Kettler como um caso de internação...”

“Você não tem algum retrato dela que possamos ver?”

“Só uma réplica. O original, se me lembro bem, está na galeria Liechtenstein.”

E com seus dedos longos e sobrenaturais, a srta. O’Brookomore alisou um pergaminho.

“Como retrato”, disse ela, “obviamente, é um prodígio de ruindade. Mas eu acho que o rosto dela é tão divertido e tão aceso”.

A srta. Collins olhou tristemente para o desenho.

“Eu vi tão poucos quadros bons”, lamentou ela, “apesar de um artista ter vindo a Bovonorsip, em um outono. Ele ficou hospedado no Wheat Sheaf e invadiu as reservas de caça o dia todo”.

“Alguns artistas podem ser bastante insinuantos.”

“Ele era mesmo! Era impossível não compartilhar da alegria do homem quando ele disse que havia capturado toda uma atmosfera com um pouco de tinta cinzenta... ‘Não fiquei muito ansiosa para ser como Corot, jovens senhoritas’, ele dizia, quando também saíamos para desenhar. E, antes de partir, ele me deu uma pequena paisagem de um bosque, com camponeses nus.”

345

A anfitriã ergueu sua vela.

“O pobre sr. Fairmile parece tão infeliz, Mabel, desde que você desapareceu!”

“Como é que ele pode mostrar seus sentimentos quando...”

“Quando?”

“Oh, Effie, por que você o provocou?...”, perguntou a srta. Collins enquanto saía rapidamente.

“Eu admiro quem dedica tanto tempo a escrever sobre a vida de uma mulher com olhos tão cheios de bolsas!”, exclamou a srta. Neffal, devolvendo a gravura.

“... ouçam a sra. Orangeman. Bem, Viola, você vem?”

Sozinha, a srta. O’Brookomore vagueou despreocupadamente até a janela e inclinou-se para fora.

Abaixo dela, uma paisagem cheia de arvorezinhas murmurantes estendia-se na direção de meras colinas, tão delicadas.

“Foi somente o vampirismo que me fez convidá-la”, questionou-se ela, “ou estarei simplesmente entediada?”.

Ela olhou para cima.

Havia um vislumbre de fúcsia na luz pós-crepúsculo, que a fez recordar-se do Oriente.

“Seja como for”, murmurou ela, “sua mãe muito provavelmente jamais consentiria”.

E, sentando-se à frente do espelho, ela começou a examinar as framboesas, com medo de encontrar pequenos vermes.

“Quando as pessoas estão pálidas e cansadas como você...”, não dissera Effie?

Ela fez uma pausa para sonhar.

Como aquilo se parecia com a descrição de Kate Kettler:

“Cabelos quase prateados — incrivelmente loira: uma palidez assustadora...”

346

Uma colmeia em Brompton, uma bandeja de peixe reluzente, o jeito como o vento soprava: tudo naquela manhã parecia extraordinariamente grego.

A caminho da Harrods, a srta. O’Brookomore regozijava-se. A srta. Collins estava realmente na cidade!

“Leve-a e fique com ela”, havia escrito a sra. Collins, de forma um tanto inesperada. “Quem melhor que a srta. O’Brookomore poderia demover minha filha de seus hábitos de moleque? Atenas, imagino, deve ser um belo lugar. Aqueles narizes gloriosos! As fantasias se esvaem, mas um retrato de Byron a cavalo etc.”

E agora, enquanto a srta. O’Brookomore ia em frente, por uma ou outra razão ela franzia os olhos e sorria.

347

Em torno dela, surgiam terrenos bucólicos em heroicas listras verdes. Arbustos escuros...

“Claro que ela vai precisar de alguns vestidos novos”, pensou, parando em frente a uma placa anunciando “VESTIDOS — EQUIPAMENTOS ARTÍSTICOS” na esquina da Ygdrasil Street, por cujas portas articuladas, naquele exato momento, passava a famosa sra. Asp.

A biógrafa veterana estendeu a mão.

“Temo que sua vasta rede de conhecidos”, disse ela, “a tenha quase destruído para mim! Disseram-me que você havia partido”.

“Estarei de partida dentro de uma semana.”

“E irá sozinha?”

“Levarei uma criada — e a jovem srta. Collins, que ainda não tem 15 anos.”

A sra. Asp começou a ronronar.

“Caso você precise de uma criada verdadeiramente confiável”, disse ela, “eu posso lhe indicar uma mulher excelente. Nove semanas com uma tal sra. Des Pond e mais duas... um tesouro! Ou, caso você precise de uma blusa que lhe caia bem, ou de um chapéu estranho, ou de qualquer outra coisa... a sra. Manwood, ali dentro... seria uma caridade! A pobre tolinha... apostou todo o seu dinheiro em Quiet Queenie, ou terá sido em Shy Captain, e perdeu...”

“Para minha viagem”, disse a srta. O’Brookomore, com um olhar preocupado, “devo levar comigo apenas o que for extremamente útil e simples e absolutamente austero”.

“Minha cara, se me permite, imagino saber tanto quanto você sobre viagens. Acho que já estive no exterior tantas vezes quanto você.”

“Boatos sobre minha atual escolha, sem dúvida, já chegaram a você?”

A sra. Asp ficou levemente asmática.

“Como os discípulos de alguém podem ser imensa, pura, curiosa e inteiramente imprudentes...”

“Naturalmente, vou sugerir os cinismos da pobre Kitty com leveza feérica... na verdade —”

“Para mim”, disse a sra. Asp, “a sra. Kettler sempre fez a própria defesa... e, quando você estiver em Atenas, deve ir a Tânagra. Não que haja muito para ver lá”.

A srta. O’Brookomore ergueu o braço.

“Se me atrasar”, observou ela, “eu me desencontrarei da srta. Collins... ou a deixarei esperando, talvez, na rua. Mal dá para acreditar, mas ela nunca saiu de casa antes!”.

“Bem, mesmo quando eu ainda tinha 17 anos, eu ia com minha corda de pular para o parque...”

“Eu gostaria de tê-la visto.”

“Temos um pequenino camarote reservado no terceiro andar da ópera para esta noite, se você quiser vir!”

“Esta noite vamos ao Dream Theatre, e eu não posso... além do mais, lamento, mas tenho aversão pelo Covent Garden. A pessoa senta-se em meio a luzes brilhantes, aparentando 80 anos, ou 90, ou 100 — como pode ser o caso.”

A sra. Asp assentiu.

“De qualquer modo, esperarei ter notícias suas”, disse ela, “muito em breve. Um marido ateniense para as duas... uma *vilha* para cada uma na Trácia... eu não poderia sonhar com nada mais! E agora, com o oratório tão próximo, quase me sinto tentada a entrar. Apesar de, como regra, eu nunca me confessar usando qualquer coisa apertada”.

E ali, em frente à Harrods, usando uma lista de compras para provocar um cão preso a uma guia, estava a srta. Collins.

“Vamos nos apressar”, disse a srta. O’Brookomore, cumprimentando-a de forma meio nervosa, “com nossas compras. E depois, só para quebrar o gelo, pretendo levá-la a um restaurante oriental no Soho...”

O projeto gráfico deste livro inspirou-se no estilo de Ronald Firbank, com suas inúmeras referências a obras de arte, pintores, escritores e poetas, para apresentar, na imagem da sobrecapa, a obra *Apoteose da rosa*, do pintor ítalo-americano Joseph Stella (1877-1946). Ela foi feita em 1926, por encomenda do mecenas Carl Weeks (1876-1962), para decorar um dos cômodos da mansão que estava construindo em Des Moines, Iowa, baseada em um palacete inglês do século xv. Weeks pediu a Stella que fizesse um painel inspirado em um poema do inglês William Morris (1834-1896).

A opção foi, portanto, a de selecionar uma obra que representasse o universo rico, exagerado e fantasioso das novelas de Firbank, mas que não fosse uma das inúmeras referências artísticas citadas nos textos. O tom violeta das páginas de guarda do livro remete à cor que aparece de forma recorrente nos textos de Firbank.

O miolo foi composto com a fonte Leitura, criada pelo tipógrafo português Dino dos Santos em 2007, e os títulos, com a Avenir, desenhada pelo suíço Adrian Frutiger (1928-2015) em 1988. O livro foi impresso nos papéis Pólen Soft 70 g/m² e Markatto Concetto Arvorio (capas), na gráfica Ipsis, em junho de 2017.

Este exemplar é o de número

de uma tiragem de 1.000 cópias